

## Discurso no 1.º Centenário da Universidade do Porto

**Luís Rebelo**

Hoje é o dia do Centenário da Universidade do Porto!

Comemorar as datas importantes, lembrar efemérides, pode parecer efémero, mas é um exercício importante e necessário, porque nos ajuda a reavaliar o que fazemos e a posicionar no que somos. Comemorar os 100 anos da Universidade do Porto é por isso uma honra e uma responsabilidade: uma honra por sermos os herdeiros de 100 anos de dedicação e trabalho de tanta gente — os proverbiais ombros de gigantes nos quais nos apoiamos para ver mais longe... — e uma responsabilidade porque nos compete a nós saber estar à altura da a partir de hoje tradição secular que incorpora a Universidade do Porto, e que nos incorpora a nós que somos parte da Universidade.

A 22 de Março de 1911, menos de meio ano depois da implantação da República, foram instituídas no Porto e em Lisboa duas universidades. Das mais sábias decisões que foram tomadas na I República, entre as eventuais decisões erradas ou mesmo desastradas de que a História nos dá conta, fruto de quem ensaia um regime novo; das mais sábias decisões foi a centralidade que foi colocada na educação; e o alargamento dos estudos superiores. Os níveis de analfabetismo eram então medievais e foi com aposta na educação, e também com a criação das universidades, que o então recente regime político quis retirar Portugal dessas trevas de instrução. Em 1911 três quartos da população não sabia ler e escrever. Hoje quase 90% das crianças entre os 4 anos e a idade escolar estão inscritas na rede pré-escolar, 100% das crianças com idade escolar frequentam ou completaram a instrução primária e mais de um terço do jovens com 20 anos frequenta o ensino superior...

E a meta que assumimos para 2020 foi 40% de diplomados na faixa etária dos 30 aos 34 anos. A nossa recuperação do atraso de educação e formação no último século é inspiradora, surpreendente e é algo que nos deve profundamente orgulhar como Povo.

Comemorar os cem anos da Universidade do Porto não deve por isso deixar também de ser uma comemoração do salto qualitativo que fizemos como Nação. Mas deve ser também uma exclamação: quão sábia foi a decisão de criar duas universidades quando três quartos da população não sabia ler e escrever...! E digo-o sem qualquer ponta de ironia: é que ao fazê-lo lançaram-se as sementes do que se queria ver décadas depois; e o semeador, como nos aponta Torga, “semeia contra o presente a seara do futuro, sem saber se o chão é duro e lhe aceita a semente”.

Cem anos depois essa semente tornou-se uma árvore com raízes fortes e que geração após geração, ano após ano tem dado muitos frutos! E é isso que nos traz hoje aqui: festejar os cem anos de história da maior universidade portuguesa. Não sendo seguramente a universidade mais antiga, não me levará a mal quem nos



visita se disser que será hoje em Portugal a mais relevante, e com grandes perspectivas de futuro. Frequentam a Universidade do Porto quase 10% de todos os estudantes do ensino superior e quase um sexto dos estudantes que frequentam o ensino universitário público. Mas tais números não deixam de ser redutores quando conhecemos no quotidiano e no terreno o verdadeiro papel que a Universidade do Porto desenvolve na Cidade, na Região e no País. Se o conhecimento ilumina, a Universidade do Porto, hoje secular, é já o mais imponente farol que o país possui... E irradia formação e conhecimento... Irradia investigação, representando já cerca de 20% da investigação nacional ... Cria e difunde cultura ... Promove desenvolvimento regional e nacional, tendo neles um papel fundamental e activo... Gera avanços técnicos e científicos notáveis e que aspiram com sucesso a contender com o que de melhor se vai desenvolvendo e fazendo na Europa e no Mundo... E é para o Mundo que a Universidade olha — os desafios de internacionalização que tem assumido são disso prova.

O que comemoramos quando comemoramos o Centenário da Universidade do Porto?

Comemora-se, tenho que o dizer, o empenho incansável de milhares de professores que congregados em Universidade formam permanentemente dezenas de milhares de estudantes; e que, juntos, fazem acontecer uma Universidade que tem 100 anos sim; mas não sofre de reumático e que hoje responde publicamente ao “Censos 2011” como não tendo dificuldades em ver, nem em ouvir; nem dificuldades em se movimentar, nem em entender ou em fazer-se entender. Os cem anos da Universidade do Porto são vividos com juventude e dinamismo, e o peso institucional que um Centenário atesta não é um peso morto que temos de arrastar, mas o contrapeso de uma catapulta que diariamente lança ao País e ao Mundo pessoas altamente qualificadas e engenhosas.

Comemorar o Centenário da Universidade do Porto não é um exercício meramente histórico; nem é sobretudo um olhar para o passado. Festejar hoje aqui este Centenário é um hino ao futuro desta Universidade.

Que futuro?

O nosso futuro será a colheita do que semearmos hoje. A Universidade do Porto não teve no passado mais longínquo e mais recente medo de mudar e de se reformar — disso é exemplo a forma intrépida como abraçou um regime fundacional... Reformar-se e mudar para melhor é perceber que para o século XX as coisas como estavam até podiam funcionar, mas que o novo século (que também já uma criança de dez anos!) tem exigências e ritmos novos, que comportam novas exigências: não apenas um novo modelo de gestão, mas um salto qualitativo institucional para com ganhos de eficiência fazer mais com os mesmos ou menos recursos, para depois poder fazer muito mais com mais um pouco. O actual paradigma organizativo da Universidade está perto dos limites da suas potencialidades: pelo que é crucial repensar internamente a



Universidade do Porto... O desafio dos estudantes para a Universidade é este: urge racionalizar e potenciar a Universidade!

100 anos para quê? Numa palavra: excelência. Talvez deva ser marcado hoje o fim das comparações da Universidade do Porto com a realidade nacional: a partir de hoje só fará sentido a Universidade do Porto comparar-se com as melhores da Europa e do Mundo e com o melhor de si própria em cada momento. A única meta tem que ser por isso a excelência: já Aristóteles nos advertia que a Excelência não é um acto, não é algo que se faça num momento; é um hábito. A Universidade do Porto tem que aspirar à excelência como hábito, em tudo o que faz!

A partir de hoje é de somenos importância falar da Universidade do Porto como primeira preferência não apenas no Norte mas em todo o País; de somenos importância falar do seu papel de agente ímpar no panorama nacional; de somenos importância apontar que a empregabilidade crescente das suas formações traduzir-se-á numa universidade mais conceituada; de somenos importância ainda apontar para o incalculável número de graduados que pelo País e pelo mundo ajudam ao desenvolvimento da civilização.

Não porque não seja importante, mas porque aspirar à excelência é aspirar a algo mais, e a algo melhor!

Hoje comemoramos o primeiro Centenário da Universidade do Porto: e gostava de sublinhar Primeiro Centenário... 100 anos com os seus problemas — problemas que hoje também temos, mas que não é hoje a data para nos debruçarmos sobre eles; mas 100 anos repletos de conquistas e sucessos — a maior parte deles talvez até sejam os mais discretos: serão talvez os alvares que nasceram nas consciências dos estudantes que sentados nas duras cadeiras de uma sala de aula, têm despertado para novas ideias e mundos novos...

Os maiores sucessos da Universidade do Porto serão talvez os que se geram no silêncio que forja cidadãos completos, conscientes e participativos, disponíveis para transformar o país que somos no país que seremos!

Em nome de todos os estudantes da Universidade do Porto, os de hoje e os de sempre, aceite Magnífico Reitor, juntamente com as nossas congratulações, o nosso também secular agradecimento aos nossos mestres e à Universidade do Porto, a casa que nos acolhe e congrega.

O nosso Muito Obrigado!

Porto, 22 de Março de 2011

